

“BATEU, LEVOU!”: ESTUDO SOBRE A VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES NO ESTADO DE MINAS GERAIS

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 17/06/2021

Cledinaldo Aparecido Dias

Universidade Estadual Montes Claros -
UNIMONTES

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Montes Claros/Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/6384719963302649>

Vilma Oneide Dias

Universidade Estadual Montes Claros -
UNIMONTES
Instituto Federal Norte de Minas Gerais -
IFNMG
Montes Claros/Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/5757573566398318>

Kever Bruno Paradelo Gomes

Instituto Federal de Brasília - IFB
Brasília/Distrito Federal
<http://lattes.cnpq.br/9188020334213105>

com atitudes violentas baseadas no gênero e com problemas de internalização e externalização. É um estudo descritivo quantitativa com análise de regressão logística bivariada. Utilizou-se o banco de dados públicos, coletados e disponibilizados pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) do Estado de Minas Gerais. Para análise, considerou-se nove variáveis que explicassem a associação entre o sofrimento vivenciado e o comportamento externalizado. Os resultados demonstram que 32% dos meninos e 44% das meninas viviam na pobreza. Ambos relataram experiências de sofrimento de violência física, praticaram bullying, furtaram ou roubaram e agrediram fisicamente colegas. As experiências com algum tipo de droga estavam associadas ao sofrimento de bullying na escola e muito pouco às condições de pobreza. A falta de rigor na aplicação das leis limita a qualidade de vida dos adolescentes e compromete a integridade física, social e psicológica.

PALAVRAS-CHAVE: Organização escolar. Violência. Adolescência.

RESUMO: O problema da violência na escola transcende o olhar sobre o presente e avança a percepção para o homem do futuro, uma vez que os processos de internalização e externalização são fenômenos individuais, que perpetram a existência do sujeito e refletem nas suas relações sociais. Identificando a escola como locus da formação de significados nas interações sociais este artigo objetiva descrever a prevalência de exposição à violência entre adolescentes de escolas públicas do Estado de Minas Gerais e elucidar que tais exposições estão associadas

“TIT FOR TAT!”: A REVIEW ABOUT VIOLENCE BETWEEN TEENAGE STUDENTS IN MINAS GERAIS STATE

ABSTRACT: The problem of violence at school transcends the view of the present and advances the perception of the future for man, since the processes of internalization and externalization are individual phenomena, which perpetuate the subject's existence and reflect on their social relationships. Identifying the school as the locus of meaning formation in social interactions,

this article aims to describe the prevalence of exposure to violence among adolescents in public schools in the State of Minas Gerais and to clarify that such exposures are associated with gender-based violent attitudes and internalization problems. and outsourcing. It is a descriptive quantitative study with bivariate logistic regression analysis. We used the public database, collected and made available by the Center for the Study of Crime and Public Security (CRISP) of the State of Minas Gerais. For analysis, nine variables that explained the association between the suffering experienced and externalized behavior were considered. The results show that 32% of boys and 44% of girls lived in poverty. Both reported experiences of suffering physical violence, engaged in bullying, stole or robbed and physically assaulted colleagues. Experiences with some type of drug were associated with suffering from bullying at school and very little with conditions of poverty. Lack of rigor in applying the laws limits the quality of life of adolescents and compromises their physical, social and psychological integrity.

KEYWORDS: School organization. Violence. Adolescence.

1 | INTRODUÇÃO

A violência em instituições educacionais não é um problema que afeta apenas o momento presente, mas pode ter consequências nefastas no futuro (GARBIN, 2016), pois os processos de internalização e externalização são fenômenos individuais que perpetram a existência do sujeito e refletem ao longo de toda a sua vida. Wong e Schonlau (2013) alertam, por exemplo, que o *bullying* antes de 12 anos é um risco potencialmente associado a muitos comportamentos futuros negativos, incluindo fuga dos problemas, vandalismo, roubo, crimes contra a propriedade e agressão. Para Cavalcante, Alves e Barroso (2008) tratar a adolescência apenas como uma faixa etária é uma visão muito simplista que não considera as transformações sociais e psicológicas que passa o jovem.

Atos e fatos vividos na adolescência contribuem para a formação do perfil sociopsicológico e cultural do sujeito. O desenvolvimento cognitivo, produzido de fora para dentro, dá-se a partir das interações sociais, que são internalizadas (VYGOTSKY, 1996). Na adolescência a interação grupal tem como *locus* principal a escola, vínculo social mais marcante da fase. Para encontrar o sentido de pertencimento o grupo de colegas acaba por influenciar as ações do adolescente e fazer com que ele adote atitudes que permitam a sua aceitação.

A busca pelo assentimento sujeita o adolescente a ações de encorajamento e desafio, muitas vezes impostas pela necessidade de autoafirmação, o que pode incitar uma variedade de recursos para a prática da violência. Os dados da Secretaria de Vigilância em Saúde (BRASIL, 2013) mostram que a violência no país se expressa de forma diferente entre homens e mulheres e deve ser entendida a partir da violência de gênero. Em estudo sobre violência doméstica, sexual e outras violências foi notificado que 38.010 (33,4%) ocorreram entre homens e 75.633 (66,6%), entre mulheres. Neste grupo registrou-se que entre os homens, 24,1% eram de crianças entre zero e 9 anos e outros 26,5% adolescentes

de 10 a 19 anos. Já nas mulheres os números foram de 15,9% na faixa etária de zero a 9 anos e 25,7% adolescentes de 10 a 19 anos.

Identifica-se ainda que as diversas manifestações de violências, o uso de drogas e o não comprometimento acadêmico tornam-se mecanismos simbólicos de manifestação de problemas psicossociais dos adolescentes, tanto no contexto escolar quanto na estrutura familiar (PAPPA, 2004).

Frente essa problemática, este estudo questiona: como o sofrimento internalizado é manifestado no comportamento de adolescentes escolares no estado de Minas Gerais? O objetivo delineado é descrever a prevalência de exposição à violência entre adolescentes de escolas públicas de Minas Gerais e elucidar que tais exposições estão associadas com atitudes violentas baseadas no gênero e com problemas de internalização e externalização. Para isso, buscou-se replicar o percurso metodológico de Ameli et al. (2017) consideradas as limitações da amostra e a distinção das realidades dos espaços analisados.

O estudo auxiliará o planejamento de políticas públicas para redução da violência escolar, instigando *a priori* um debate acadêmico e organizacional fundamental atualmente. A metodologia aplicada pode ser adaptada para que gestores escolares continuem atualizando e mapeando a problemática pensando em intervenções, mediações e políticas preventivas. Esse trabalho resultará em um maior zelo no ambiente escolar e em impactos positivos na vida dos adolescentes, sendo estes, os futuros tomadores de decisões no seio social.

2 | VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Em estudo sobre os males advindos da violência, Souza, Jorge e Lima (2006) a define como todas as formas de relações, ações ou omissões praticadas por indivíduos, grupos, classes, nações que venham a provocar danos físicos, emocionais, morais e espirituais a si próprio ou aos outros. Os atos de violências também se associam as mais variadas formas de preconceitos e discriminações, como: maior exposição de crianças e adolescentes negros à discriminação e vitimização; violências sexistas ligadas a adolescentes do sexo feminino; preconceitos duplos, quando se tratam de crianças e adolescentes com deficiências; entre outros. (BRAGA, et al., 2018; PEREIRA, et al., 2020).

A violência contra crianças é uma violação aos direitos humanos, caracterizando-se como um problema de saúde pública global, causando efeitos negativos ao longo da vida, incluindo impactos na saúde física, mental, social e cognitiva (WIRTZ et al., 2016; SQUEGLIA; CSERVENKA, 2017). Ela inclui todas as formas de agressões físicas, sexuais, emocionais, bem como as negligências e explorações perpetradas contra menores de 18 anos.

A inserção da criança e do adolescente em um clima escolar tóxico cria um círculo de agressividade potencial entre os sujeitos, inscrito em um *continuum*, de pequenos

atos incivis, que vão do *bullying* até agressões físicas e ameaças de morte. Sendo a adolescência caracterizada por transformações que expõe o sujeito a um modo de vida vulnerável e sensível às relações sociais (MOREIRA et al., 2008; VYGOTSKY, 1996), essa problemática demanda a necessidade de se repensar e criar políticas contra a intimidação e a violência no âmbito escolar.

No que diz respeito às relações sociais nas escolas, deve-se redobrar a atenção quando o público em análise é formado por adolescentes, já que é nesse período que ele se abre para novas experiências, amizades, interesses e desafios, fruto do processo natural de socialização.

Squeglia e Cservenka (2017) explicam que a adolescência é um período de vulnerabilidade para o desenvolvimento de transtornos ligados ao uso de substâncias, como bebidas alcoólicas ou mesmo drogas ilícitas. Essa fragilidade é explicada fisiologicamente por estudos neuropsicológicos que elucidaram as vulnerabilidades neurais subjacentes e contribuem para o início do consumo de substâncias durante a adolescência. O álcool é, de longe, o elemento mais comumente utilizado, seguido da maconha e do cigarros. Como consequência observa-se a diminuição do desempenho acadêmico, déficits neuro cognitivos e problemas psicossociais (TORIKKA et al., 2016; SQUEGLIA; CSERVENKA, 2017; SPEAR, 2016; GOLDBERG-LOONEY, 2016). De acordo com Spear (2016) o uso de drogas é frequentemente iniciado na adolescência e as taxas de prevalência de uso de álcool e maconha/*haxixe* crescem significativamente.

Sobre o consumo de álcool na adolescência e o status socioeconômico formado pela combinação de nível educacional, situação profissional, renda e influência, Torikka et al. (2016) descrevem que existem controvérsias sobre a associação entre esses fatores.

Shulman, Monahan e Steinberg (2017) explicam que há muito tempo adolescentes e jovens cometem crimes severos a uma taxa mais alta do que outros grupos etários. Percepções dos jovens sobre as recompensas e os custos do crime são susceptíveis de prever esse tipo de comportamento. Uma maior capacidade de resposta à recompensa durante a adolescência pode levar os jovens, não apenas a atender mais às recompensas potenciais dos custos dos seus atos violentos, mas também agir com impulsos violentos quando preveem que isso pode render recompensas sociais e respeito dos pares.

Abranovay (2012) menciona que para compreender o fenômeno da violência nas escolas convém recorrer a aspectos relativos ao espaço interior e exterior delas, como características das vítimas e dos agressores e as diferentes instituições e ambientes pelos quais os estudantes circulam. Na escola existem comportamentos que são negativamente sancionados, mediante punições específicas, conforme as transgressões disciplinares, fato que incorre em qualquer instituição. Na medida em que as punições são estipuladas de forma arbitrária, a escola pode ser um *locus* privilegiado do exercício da violência simbólica, manifestada por intermédio de agressões mais veladas.

A intimidação ou *bullying* é caracterizada como um episódio de violência que

ocorre repetidamente numa relação em que existe um desequilíbrio de poder (formal ou percebido) entre a vítima e o agressor, tornando difícil para o indivíduo intimidado defender-se (LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009). Ele pode ocorrer em formas físicas ou verbais a partir do uso de apelidos, insultos, comentários racistas, homofóbicos, diferenças religiosas, físicas, econômicas, sociais, culturais e políticas (CARVALHO et al., 2017). Quando esse comportamento agressivo não é freado, as consequências na vida da vítima podem levar a sequelas graves (TTOFI et al., 2011).

3 I ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo tem como base o banco de dados da pesquisa “Violência em Escolas e Programas de Prevenção”, realizada em 2012, pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública, Universidade Federal de Minas Gerais (CRISP/UFMG), disponibilizado publicamente. Esses dados foram replicados seguindo o percurso metodológico de Ameli et al. (2017) em pesquisa sobre experiência de violência em adolescentes de Malawi.

Foram considerados 3513 questionários em um estrato composto por 244 turmas de 86 escolas da rede pública estadual. Da pesquisa original foram considerados apenas adolescentes, que de acordo com a classificação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 2015) se encontram entre 12 e 18 anos. O estudo considerou nove variáveis que explicassem a associação entre o sofrimento vivenciado e o comportamento externalizado, levando em conta o período de um ano. As variáveis de internalização incluíam a pobreza, o abuso físico na escola, o sofrimento de *bullying* e a vitimização por roubo ou furto. As variáveis de externalização compreenderam o consumo de drogas, a prática de *bullying*, de violência física e de furto ou roubo na escola.

A variável pobreza foi medida com base na adaptação do Critério de Classificação Econômica Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEPE, 2015). A adaptação dos valores considerou 70% das variáveis mensuradas pelo questionário ABEPE (2015) e ponderou os demais valores. Obteve-se um indicador que definia a classe do entrevistado de acordo com o número de pontos obtidos, sejam: Classe A (45 a 100), Classe B1 (38 a 44), Classe B2 (29 a 37), Classe C1 (23 a 28), Classe C2 (17 a 22) e Classe D-E (0 a 16). A partir dessa classificação, os resultados binários foram criados, sendo 0 para “outras classes” e 1 para “pobres” (classes D e E).

A variável abuso físico foi medida a partir do questionamento sobre as experiências de agressão, consumadas ou tentadas, contra os adolescentes, advindas de professores(as) e/ou outros agentes dentro da escola. O sofrimento de *Bullying* incluía questões relacionadas às humilhações, intimidações, ofensas verbais, exclusões nas atividades, uso de apelidos ofensivos, mentiras e calúnias sofridas dentro da escola. A vitimização por furto/roubo foi medida a partir dos questionamentos sobre a extorsão despercebida ou mediante uso de força ou ameaça. Para todas essas variáveis de internalização os dados binários foram

criados considerando 0 para “nunca” e 1 para “pelo menos uma vez”.

Para identificar a experiência com o uso de drogas os questionamentos voltaram-se para identificar se os adolescentes usaram, ou pelo menos experimentaram, algum tipo de drogas, incluindo: bebida alcoólica, cigarros, loló, lança perfume, solventes, maconha, cocaína e/ou crack. A combinação binária considerou qualquer tipo de experiência com drogas. A variável prática de *bullying* foi medida questionando se, no último mês, o adolescente humilhou, ofendeu, intimidou, excluiu, apelidou ou inventou mentiras sobre alguém dentro da escola. Se sim para pelo menos uma das questões considerou-se que ele/ela praticou *bullying*. A prática de violência física foi mensurada a partir do questionamento sobre como o adolescente reagiu a brigas ou discussões na escola. Se a reação foi o uso de força física, empurrões, tapas, jogou objetos em alguém ou quebrou objetos da outra pessoa a combinação binária considerou como prática de violência física. A variável prática de furto ou roubo na escola foi medida a partir do questionamento sobre se o adolescente se apossou de alguma coisa de outra pessoa na escola sem que ela percebesse.

O estudo aplicou a técnica de análise de regressão logística bivariada utilizando-se do software SPSS19®. As análises foram realizadas sobre dados estratificados por gênero, considerando as diferenças na vitimização. A análise foi realizada para obter os *odds ratios* que definissem a associação de variáveis ditas de internalização e externalização relativas à violência na escola.

O início da análise deu-se por meio de estatística descritiva, obtendo os dados estratificados por sexo para descrever a demografia da amostra e experiências de vida utilizando testes *t* de amostra independentes e teste de qui-quadrado. Depois foi realizada análise de regressão logística bivariada para calcular os *Odds ratios*, determinando a força das associações entre fatores de risco potenciais e desfechos adversos associados.

Na sequência, todas as variáveis encontradas para ter uma associação bivariada com cada resultado (com valores de P menores ou iguais a 0,1) foram então escolhidas para análises multivariadas ajustadas. Por fim, foram utilizadas análises multivariadas de regressão logística para avaliar os efeitos ajustados e independentes de potenciais fatores de risco. Para cada resultado, os fatores de risco associados, que foram identificados na análise bivariada, foram incluídos no modelo. Além disso, todas as variáveis consideradas fatores preditivos teoricamente importantes (idade, pobreza e região de localização da escola) foram incluídos nas análises multivariadas de regressão logística.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados partem da descrição das características básicas e demográficas da população estudada (Tabela 1). Algumas características, exposições e experiências apresentaram diferenças significativas. 32% dos meninos e 44% das meninas viviam na pobreza, classificados nas classes sociais D e E. 20% das meninas e 28% dos

meninos relataram serem vítimas de sofrimento de violência física; assumiram praticar *bullying*, furtaram ou roubaram nas escola e agiram com violência física contra colegas. Destaca-se o comportamento dos entrevistados em relação ao consumo de drogas, fator com prevalência muito alta entre os adolescentes pesquisados. De acordo com os resultados, os meninos foram mais expostos às experiências de sofrimento de *bullying* e mais vezes vítimas de furto e roubo. No que se refere à região onde os adolescentes residem, se no interior ou na área metropolitana, a média foi igual para ambos, 60%.

	Meninas (n = 1964)	Meninos (n = 1549)
Média de idade	15,27	15,24
Viver na pobreza*	44%	32%
Experiência de sofrer violência física na escola*	20%	28%
Experiência de sofrer <i>bullying</i> na escola	48%	50%
Experiência de consumo de algum tipo de droga*	72%	65%
Experiência de ser vítima de furto ou roubo na escola	40%	41%
Prática de <i>bullying</i> na escola*	12%	17%
Prática de furto/roubo na escola*	3%	7%
Prática de violência física na escola*	15%	32%
Região de localização da escola	60%	60%

Nota: * diferença estatisticamente significativa em $p < 0,05$.

Tabela 1: Características e demografia da amostra de violências em escolas do ensino público de Minas Gerais/Brasil.

Os dados foram estratificados entre 1549 adolescentes do sexo masculino e 1964 do sexo feminino. Foram encontradas associações entre medidas de exposição à pobreza e violência nas escolas, com medidas de atitudes violentas baseadas no gênero, experiência com uso de drogas, prática de furto e roubo, *bullying* e violência física na escola.

A análise bivariada estratificada mostrou que entre adolescentes do sexo masculino, a prática de *Bullying* é influenciada por todos os tipos de sofrimentos vivenciados e internalizados pelos adolescentes. A prática de violência está, significativamente, associada aos abusos físicos sofridos, à vitimização por *bullying* e as experiências de Furto/Roubo sofridas. Entre eles, a vitimização por Furto/Roubo apresentou-se como a variável que mais contribuiu para externalização de comportamentos sociais incivis ou violentos (Tabela 2).

Variáveis determinantes (Sofrimento internalizado)	Comportamento externalizado			
	Experiência com Drogas	Prática de Violência	Prática de furto/roubo	Prática de <i>Bullying</i>
	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)
Viver na pobreza	0,85 (0,68 - 1,07)	0,79 (0,61 - 1,02)	0,92 (0,60 - 1,42)	0,55** (0,39 - 0,77)
Abuso físico	0,89 (0,68 - 1,16)	3,17*** (2,44 - 4,12)	1,48 (0,96 - 2,28)	2,00*** (1,46 - 2,72)
Vítima de <i>bullying</i>	1,40** (1,11 - 1,77)	2,19*** (1,70 - 2,83)	1,52 (0,97 - 2,38)	2,24*** (1,61 - 3,12)
Experiência Furto/Roubo	1,37** (1,08 - 1,74)	2,05*** (1,60 - 2,63)	2,35*** (1,52 - 3,64)	2,44*** (1,79 - 3,32)

Nota: *estatisticamente significativa em $p < 0,05$, **estatisticamente signific. em $p < 0,01$, ***estatisticamente signific. em $p < 0,001$, indica associação estatisticamente signific. de $p < 0,1$ incluída no modelo final.

Tabela 2: Associações bivariadas de adolescentes do sexo masculino em escolas do ensino público de Minas Gerais/Brasil.

A prática de *bullying* entre as adolescentes do sexo feminino também é resultante dos sofrimentos internalizados em análise. Como nos meninos, a prática de violência também se associa aos abusos físicos, ao *bullying* e às experiências de Furto/Roubo. A experiência com drogas apresenta-se significativa apenas ao fato da vitimização por *bullying* (Tabela 3).

Variáveis determinantes (Sofrimento internalizado)	Comportamento externalizado			
	Experiência com Drogas	Prática de Violência	Prática de furto/roubo	Prática de <i>Bullying</i>
	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)
Viver na pobreza	0,87 (0,71-1,0)	1,03 (0,78-1,36)	0,83 (0,47-1,47)	0,63** (0,46-0,86)
Abuso físico	1,08 (0,82-1,42)	3,71 *** (2,79-4,94)	1,32 (0,72-2,40)	2,36 *** (1,73-3,22)
Vítima de <i>bullying</i>	1,61*** (1,30-2,00)	2,72 *** (2,00-3,69)	1,36 (0,74-2,48)	3,23 *** (2,27-4,57)
Experiência Furto/Roubo	1,02 (0,82-1,27)	1,69 *** (1,28-2,24)	4,37 *** (2,27-8,40)	1,55** (1,14-2,10)

Nota: *estatisticamente significativa: $p < 0,05$, **estatisticamente significativa: $p < 0,01$, ***estatisticamente significativo: $p < 0,001$, 'associação estatisticamente significativa de $p < 0,1$ e foi incluída no modelo final.

Tabela 3: Associações bivariadas de adolescentes do sexo feminino em escolas do ensino público de Minas Gerais/Brasil.

Após ajuste por fatores sociodemográficos identificou-se que entre meninos e meninas o consumo de drogas estava associado ao sofrimento de *bullying* e à idade dos

adolescentes. Adicionalmente, nos meninos, a vitimização por furto e roubo na escola também influenciaram a experiência no consumo de algum tipo de droga. No caso das meninas a prática de *bullying* foi associada também com a região de localização da escola, se interior ou região metropolitana (Tabela 4).

Variáveis determinantes	Comportamento externalizado			
	Sexo Masculino		Sexo Feminino	
	Odds Ratio	95% CI	Odds Ratio	95% CI
Experiência com algum tipo de droga				
Idade	1,40***	1,31-1,50	1,36***	1,28-1,44
Vítima de <i>bullying</i>	1,55***	1,22-1,97	1,73***	1,38-2,16
Experiência de Furto ou Roubo	1,67***	1,30-2,14		
Prática de Violência física na escola				
Abuso físico na escola	3,17***	2,43-4,14	3,50***	2,62-4,66
Vítima de <i>bullying</i>	2,20***	1,70-2,84	2,67***	1,96-3,63
Experiência de Furto ou Roubo				
Idade	2,06***	1,60-2,64	1,60**	1,21-2,13
			0,87**	0,81-0,95
Prática de furto/roubo na escola				
Abuso físico na escola	1,55**	1,00-2,40		
Experiência de Furto ou Roubo	2,44***	1,57-3,78	4,31***	2,23-8,35
Prática de Bullying na escola				
Viver na pobreza	0,54***	0,38-0,76	0,63**	0,46 - 0,86
Abuso físico na escola	2,04***	1,49-2,80	2,34***	1,70 - 3,22
Vítima de <i>bullying</i>	2,25***	1,62-3,14	3,14***	2,21 - 4,46
Experiência de Furto ou Roubo	2,47***	1,80-3,38	1,57**	1,15 - 2,14
Região			0,73*	0,54-0,98

Note: * estatisticamente significativo em $p < 0,05$, ** estatisticamente significativo em $p < 0,01$, *** estatisticamente significativo em $p < 0,001$. Todos os modelos de controle de idade, gênero, e urbana versus residência rural.

Tabela 4: Regressões logísticas multivariadas de experiências de adolescentes em escolas do ensino público de Minas Gerais/Brasil.

5 | DISCUSSÕES

Ao tratar organização escolar como *locus* da formação de significados nas interações sociais identifica-se que a violência contra crianças e adolescentes é caracterizada como uma violação de direitos humanos e um problema de saúde pública global, dadas as consequências que tais práticas podem reproduzir no sujeito em sua vida adulta (WIRTZ et al., 2016).

Entre as formas de exposição à violência tratadas neste estudo, a experiência com

uso de algum tipo de drogas assumiu papel preponderante, apresentando como a forma mais prevalente de exposição à violência para as meninas e a segunda para os meninos. Após os ajustes para os fatores demográficos a exposição ao uso de algum tipo de drogas apresentou associação significativa com o sexo e o sofrimento de *bullying* pelas meninas; nos meninos essa associação foi acrescida da vitimização por furto ou roubo. Os resultados corroboram Schenker e Minayo (2005) evidenciando o aumento o uso de drogas entre a população adolescente brasileira ao longo dos anos.

Dados da *World Health Organization* (2008) identificam o uso do álcool como principal fator de risco para o consumo de outras drogas e a manifestação de sintomas psicossociais como depressão, ansiedade e agressividade. Os estudos de Torikka et al. (2016) atentam para o fato de que o uso de álcool em adolescentes está associado à depressão. A prevalência desta aumenta significativamente durante a transição da infância para a adolescência.

Outra experiência comum entre os participantes do estudo foi o sofrimento de *bullying* na escola, fortemente associado a prática de violência física, prática de *bullying* e às experiências com uso de drogas. Entre os estudantes 49,1% mencionam ter sofrido *bullying* na escola, o que vai ao encontro dos estudos de Santos et al. (2014) e Carvalho et al. (2017). Ttofi et al. (2011) e Haynie et al. (2001) também fornecem evidências de que *bullying* e vitimização não devem ser pensados como comportamentos opostos, uma vez que mais da metade dos agressores pesquisados relataram também ser vítimas.

As experiências de sofrimento de violência física na escola foi outro fator que apresentou fortes índices de associação com as variáveis em análise. Entre as meninas a violência internalizada estava associada ao sofrimento vivido dentro da escola, refletido nas práticas de furto e roubo, *bullying* e agressão física aos colegas. Neste caso, o fato de sofrer violência implicou diretamente na ação violenta das adolescentes. Nos meninos, o abuso físico sofrido na escola foi associado às práticas de violência física e à prática de *bullying*.

Quanto a ser vítima de furto ou roubo observa-se, que embora a baixa ocorrência, existe forte associação com os preditores experiência com drogas, prática de violência física, vitimização por *bullying* e prática de furto ou roubo, como fator de externalização. A associação destas variáveis pode ser explicada pela Teoria da Aprendizagem Social de Bandura que, de acordo com Khouri (2016) pressupõe que o ambiente, as características individuais e o comportamento situacional de uma pessoa determinam-se reciprocamente e que o comportamento é um fenômeno dinâmico em evolução.

Registra-se ainda a baixa associação da pobreza à externalização da violência. Embora com razão de probabilidade muito baixa, a pobreza apresentou associação apenas com a prática de *bullying*. Milani (2006) argumenta que o meio social, o contexto cultural e as condições materiais exercem uma influência profunda na vida das pessoas, podendo ampliar ou reduzir as alternativas diante dela. Mas, se essa influência tivesse o poder

de determinar a trajetória de vida, então todos os adolescentes submetidos à pobreza e exclusão seriam inevitavelmente conduzidos à criminalidade, fato que ocorre apenas com uma pequena parcela dos jovens.

6 | CONCLUSÕES

As conclusões desta investigação apontam para importantes implicações da exposição à violência sofrida por adolescentes de escolas públicas de Minas Gerais e procuram explicar a natureza e a prevalência desta preocupação como um caso de saúde pública. Dessa forma, cabe às partes interessadas, governo, comunidade, professores e familiares, maior envolvimento e esforços para a construção de intervenções bem-sucedidas.

O esforço para minimizar os conflitos geradores de violência na escola deve ser um trabalho contínuo, embasado em relações positivas e políticas escolares de respeito, reconhecimento, atenção e prestígio entre todos os agentes que convivem nesse espaço de interações sociais, a escola.

Por vezes, a produção da agressividade do adolescente é impulsionada pela falta de compreensão e zelo às suas angústias. Tal fato elucida a importância do cuidado com a criança e o adolescente. Estratégias específicas para impedir a (re)produção do sofrimento e prática de *bullying*, pode partir de iniciativas sociopolíticas na área que busquem responder os desafios em tirar esse problema da clandestinidade e enxergá-lo como epidemiologia de risco que muito compromete a saúde mental do sujeito agredido. Torna-se importante articular múltiplos atores sociais e diferentes setores da sociedade de forma a implementar políticas públicas que visem estimular valores e atitudes de convivência saudável (Malta, 2014).

Para prevenir as consequências da violência na escola, fazem-se necessários maiores investimentos em medidas socioeducativas de valorização e reconhecimento do adolescente como sujeito em estado de vulnerabilidade. A cooperação da sociedade pode ser um importante aliado neste processo. Como menciona Garbin (2016) as redes de proteção à criança e ao adolescente são um ótimo exemplo de iniciativa em prol do combate à violência infantil, uma vez que a atuação interinstitucional permite um maior enfrentamento do problema, alcançando de forma efetiva todos os atores sociais envolvidos.

No tocante às limitações da pesquisa, verifica-se que apesar da amplitude amostral realizada, a pesquisa não se refere a um censo, portanto, os resultados não podem ser generalizados. Ainda cabe considerar os contextos das diferentes regiões estudadas. Aprofundamentos qualitativos podem ser utilizados para averiguar problemáticas mais relatadas em determinadas regiões, por exemplo. Também é importante mencionar como limitação que a pesquisa ouviu apenas adolescentes, considerando o escopo delineado. Assim, para um olhar multifacetado sobre o tema novos estudos podem incluir a opinião

das famílias e dos profissionais que trabalham nas escolas, sejam: professores, direção, apoio pedagógico e psicológico, secretaria e outros.

REFERÊNCIAS

ABRANOVAY, M. e Rua, M. D. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, UCB, Observatório de Violências nas Escolas, 2002.

CARVALHO, F. et al. Bullying and behavior problems reported by victims and teachers: Brazilian findings. **Psico**. Porto Alegre. V.48, n.1, p. 31-39, 2017.

AMELI, V. et al. Associations between adolescent experiences of violence in Malawi and gender-based attitudes, internalizing, and externalizing behaviors. **Child Abuse & Neglect**. V. 67, p. 305-314, 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEPE). **Critério de classificação econômica no Brasil**. São Paulo, 2016.

BRAGA, I. F. et al. As múltiplas faces e máscaras da heteronormatividade: violências contra adolescentes e jovens homossexuais brasileiros. **Salud & Sociedad**. V. 9, n. 1, p. 52 – 67, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CAVALCANTE, M. B. P. T.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M. G. T. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. V. 12, n. 3, p. 555-559, 2008.

CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência em Escolas e Programas de Prevenção**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.crisp.ufmg.br/bancodedados>. Acesso: 01/03/2017.

GARBIN, C. A. S. et al. Identificação dos casos de violência contra crianças em escolas municipais de ensino básico de Araçatuba. **Em Extensão**. V.15, n. 2, p. 94-108, 2016.

GOLDBERG-LOONEY, L. D. et al. Adolescent alcohol use in Spain: connections with friends, school, and other delinquent behaviors. **Frontiers in psychology**, 7, 2016.

HAYNIE, D. L. et al. Bullies, victims, and bully/victims: Distinct groups of at-risk youth. **The Journal of Early Adolescence**. V. 21, n. 1, p. 29-49, 2001.

KHOURI, N. D. M. A. A. **Uso de drogas na adolescência: associações com sexo, práticas parentais, autoeficácia e perspectiva de tempo futuro**. Tese (Doutorado Psicologia Clínica). Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

LISBOA, C.; BRAGA, L. de L; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínic.** V. 2, n.1, p. 59-71, 2009.

MALTA, D. C. et al. Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Rer. Bras. Epidemiol.** V.17, n.1, p. 92-105, 2014.

MILANI, F. M. Adolescentes: De vítimas da violência a protagonistas da paz. In: Lima, C. A. **Violência faz mal à saúde: Textos básicos de saúde.** Ministério da Saúde, 2006.

MOREIRA, T. C. et al. A violência comunitária e o abuso de álcool entre adolescentes: comparação entre sexos. **J. Pediat.** V. 84, n.3, p. 244-250, 2008.

PAPPA, J. S. **A (in)disciplina e a violência escolar segundo a concepção de professores do ensino fundamental.** Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2004.

PEREIRA, V. O. de M. et al. Violências contra adolescentes: análise das notificações realizadas no setor saúde, Brasil, 2011-2017. **Rev. bras. Epidemiol.** v. 23, n. 1, 2020.

SANTOS, J. A. et al. The prevalence and types of *bullying* in 13 to 17 year-old Brazilian schoolchildren. **Revista de Salud Pública.** V.16, n. 2, p. 173-183, 2014.

SHULMAN, E. P.; MONAHAN, K. C.; STEINBERG, L. Severe violence during adolescence and early adulthood and its relation to anticipated rewards and costs. **Child development.** V.88, n.1, p.16-26, 2017.

SOUZA, E. D.; JORGE, M. H.; LIMA, C. A. Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade. In: Lima, C. A. **Violência faz mal à saúde: Textos básicos de saúde.** Min. da Saúde, 2006.

SPEAR, L. P. Consequences of adolescent use of alcohol and other drugs: Studies using rodent models. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews.** V.70, p. 228-243, 2016.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciênc Saúde Colet.** V. 10, n. 3, p. 707-17, 2005.

SQUEGLIA, L. M.; CSERVENKA, A. Adolescence and drug use vulnerability: findings from neuroimaging. **Current Opinion in Behavioral Sciences.** V.13, p. 164-170, 2017.

TORIKKA, A. et al. Trends in alcohol use among adolescents from 2000 to 2011: the role of socioeconomic status and depression. **Alcohol and alcoholism.** V. 52, n.1, p. 95-103, 2016.

TTOFI, M. M. et al. Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta-analysis longitudinal studies. **Journal of Aggression, Conflict and Peace Research.** V.3, n.2, p.63-3, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia del adolescente.** Obras Escogidas. Tomo IV. Madrid: VISOR; 1996.

WIRTZ, A. L. et al. Violence against children in Latin America and Caribbean countries: a comprehensive review of national health sector efforts in prevention and response. **BMC public health**. V.16, n.1, 2016.

WONG, J. S.; SCHONLAU, M. Does Bully Victimization Predict Future Delinquency? A Propensity Score Matching Approach. **Criminal Justice and Behavior**. V.40, n.11, p. 1184-1208, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Inequalities in young people's health. Health Behavior in School- Aged Children. International Report from 2005-2006**. Health Police for Children and Adolescents. No 5; 2008.